

A Estrada Nova

Morava numa casita deslavada, a meio daquele caminho cheio de pedras, que liga a Cangosta da Feira com a Pereira. No inverno cantavam-lhe à porta os enxurros que vinham de Azevedo.

Desta vez regressou do "ponto,, mais cedo que do costume.

— Nem mais nem menos, Joana, vamos ter estrada à porta

— Cantigas, João, cantigas!

— Parece impossível, Joana, que uma mulher com o teu juízo não acredite no que eu digo.

— Canté... Estrada à porta... Isso é bom para os ricos!

O homem esgotara já todos os argumentos para convencer a mulher. Que o dissera o Rodrigues da Junta! Ouves, Joana, o Ro...dri...gues! Que nessa noite na Venda Velha não se falara noutra coisa! Já viera até nos jornais. Uma estrada nova que irá do S. João, pela Cangosta da Feira, pela nossa porta, Pereira, Marinheiro, até à ponte do Castelo. Era o que vinha escrito no não sei quê do Porto. (Para que tu percebas, Joana, o " não sei quê do Porto,, é um jornal e tu bem sabes que um jornal sabe o que diz).

— Hum... não acredito!

— Ó mulher dos meus pecados.

— Estrada nova... lá para o tempo, João!

— O Joana!

— Nah...

* * *

O homem estava radiante. Durante a ceia, à saúde da estrada nova, esgotou a infusa de água pé.

Passando aí a estrada, é preciso deitar um telhado novo no curral do porco. E aquela cancela também está a pedir umas tábuas novas. É preciso que os automóveis ao passar não julguem que isto aqui é uma África. E a casa toda está a precisar de uma caiadela que já não vê cal desde o nosso casamento, e tu já não és nenhuma rapariga nova, Joana. Se não fosse tão tarde ainda ia hoje falar com o Justino. Mas é tarde e é pena.

O último padre-nosso das "Graças,, foi mesmo para agradecer à Senhora da Guia, "no seu monte venerada, a estrada que vai passar à nossa porta e para que ela nos livre dos desastres dos automóveis, das caminhetas, dos camiões, das motos, das bicicletas e das carroças,,.

* * *

Deitam-se. A mulher dormia.

— Ouves, Joana? Presta atenção ao que te vou dizer. Amanhã mesmo vamos comprar uma dúzia de fogo para deitar quando chegarem os engenheiros para marcar a estrada. Vai dar brado, Joana! Não se vai falar noutra coisa em todo esse concelho! Se não fosse tão tarde ainda ia hoje ao lugar do Monte encomendar o sobredito, mas é tarde, e é pena!

Ao outro dia, o João varreu o terreiro, pôs uma palha nova na barraca do cão, estendeu o mato no quinteiro. Da parte de tarde combinou com o Justino a "caiadela sinha,, da frente da casa e foi ao lugar do Monte encomendar o fogo.

— Fogo do bom, sr. José, do de quatro tiros que se ouça em Esposende. Para que os da Vila saibam!

* * *

Passou o tempo das airas, caíram as folhas das vinhas e veio o inverno. Os enxurros cantavam-lhe à porta, descendo a calçada.

— Esta estrada que não acaba de vir!

Certa manhã, ainda o sol não chegara ao povoado, ia a sair a porta com o balde das lavagens para o porco. Bateram à portinha. Duas, quatro, oito vezes. Intervalos rápidos. Assustadoramente rápidos.

— João, ó João.

— Já vai.

— Depressa, abre a portinha.

— Novidade?

Era o Joaquim. Cara por lavar, camisa desabotoada, e frelda a querer fugir para fora das calças.

— Estão aí os engenheiros, avia-le.

— Os da estrada?

— Os da estrada. Engenheiros, doutores, Lisboa em peso está aí. Despacha-le.

O homem pousa o balde, desata a correr pelas escadas acima, enquanto o balde, mal apoiado no degrau se entornava pelas escadas abaixo.

— Joana, vai imediatamente chamar o fogueteiro para vir deitar o fogo. Que não se demore. Que venha como estiver, almoçado ou por almoço, çara lavada ou por lavar. Eu vou já lá para cima, para a curva do caminho. Logo que aviste os engenheiros dou três assobiadelas. E ele sem hesitar, zés pumba, pumba, a dúzia inteira. Mas que se ouça em Esposende ouviste?

* * *

Os homens da estrada já vinham para cá da Venda Velha. Eram cinco. Tomavam medidas e escreviam nas paredes umas letras a vermelho. Atrás vinha o gerolito. E algumas mulheres, muito caladas, com muita devoção. Homens só dois ou três.

Quando o cortejo chegou à Venda Nova, os engenheiros consultaram mapas e em vez de seguirem em frente na direcção da Cangosta da Feira, da casa do tio João, etc., viraram pelo caminho que vai passar à casa do sr. José Agra e por ali seguiram tomando medidas e escrevendo, nas paredes, letras a vermelho, até à ponte do Castelo.

Bateu o meio dia (já os engenheiros iam para lá do Marinheiro) e cá atrás, abaixo da Cangosta da Feira, na curva do caminho, lá estava ainda o tio João, à espera deles, com os dedos na boca, preparado para fazer vibrar as três assobiadelas, a avisar o fogueteiro para que não hesitasse e zés, pumba, pumba, a tirasse para o ar a dúzia inteira.

OBRAS NA IGREJA PAROQUIAL

Admirável! Assim se pode dizer de tudo quanto até hoje foi feito e do modo como se fez.

Todos os trabalhos foram realizados pela nossa gente. Partir pedra, carretos, partir rachão, britar, levantar o soalho velho, planar a terra, acamar o rachão e a brita e deitar o cimento, eis o que os nossos homens fizeram de dia ou de noite.

Parabéns!

Por tudo e em tudo, louvado seja o Senhor!

CORRESPONDÊNCIA

PELA J. A. C.!

A vós, queridos rapazes:

Seja-me permitido fazer eco de um brado com que alguém se subscrevia num dos números anteriores desta nossa estimada folha.

Desejava que estas palavras fossem a personificação do ecoar deste grito em direcção à terra natal, de todos os recantos onde se encontre um coração jovem de S. Paio de Antas.

Por certo não vos tem passado despercebido todo o carinho e interesse que o Snr. Reitor vos consagra, servindo-se de várias iniciativas que são expressão do seu desejo muito sincero de vos mostrar a beleza da vida. Sim, e como ele gostaria de se ver rodeado por vós amiúde em boa familiaridade com o pároco que *como pai e amigo sente as vossas alegrias e tristezas.*

No meio agrário é difícil adquirir uma pequena formação pessoal que dê um verdadeiro sentido à vida a não ser nas associações paroquiais para a mocidade e estas resumem-se quase exclusivamente na Acção Católica. Não acredito que haja rapazes que nem sequer uma vez tivessem experimentado qualquer centelhazinha a puxá-los para uma vida mais bela, mais entusiasta; se não conseguem orientar-se neste sentido não resta dúvida que devem encontrar qualquer vazio, visão da inutilidade da sua vida.

Há por esse mundo além heroísmos em tantos rapazes, um não sei quê, que nos faz dizer que não são como os outros. Está-me a lembrar o que escrevia um jovem de 18 anos, Ozanam, estudante de Direito, a um amigo: «Não ignoras quanto eu desejaria rodear-me de jovens sentindo e pensando como eu; e eu sei que os há, que há muitos, mas dispersos como pérolas no esterco...».

Penso por vezes na actividade de algumas secções da J. A. C. e tenho pena que a dos nossos rapazes não esteja também assim florescente. Só quem é guiado por um ideal nobre, o bem, conhece a verdadeira alegria de viver.

Recordo-me que ainda há bem pouco estiveram entre nós 60 rapazes, dirigentes de secções da J. O. C. (Juventude Operária), que durante dois dias, deixando as suas actividades profissionais, estiveram a estudar os problemas dos jovens operários. E qual é o rapaz que não tenha os seus problemas, um coração e uma alma moça toda desejosa do bem? E mais uma realidade tremenda, é que não os pode resolver sozinho!

Eis o eco que desejo fazer chegar até vós, através dos montes e vales de Portugal, em nome dos rapazes que vivem separados da vossa convivência. Com a JAC! — *Ernesto Neiva*

LOMBE, 18 de Fevereiro de 1958

Rev.^{mo} Snr. Reitor

Respeitosos cumprimentos e votos de boa saúde. Em princípios de Janeiro alguém daí me perguntava se já havia recebido a «Voz de Antas». Como de nada sabia, nada fiquei a saber. Imaginar uma revista, um jornal? Não sabia absolutamente de nada. No princípio do mês de Fevereiro veio a confirmação — o Jornalzinho — que, depois de dois meses de viagem (talvez por não escreverem «Angola» na direcção) sempre chegou.

«Voz de Antas»!... Fiquei encantado com a ideia, ou melhor, com a realidade que tinha na minha frente. Um jornalzinho da minha querida terra! Ao ler a 1.^a página tive conhecimento de quem o havia idealizado — o seu Presado Reitor — para se pôr em comunicação com os ausentes e unilhos à sua Igreja, à sua terra natal, ao seu Pároco. *Belíssima ideia!*... Só um coração apostólico e zeloso é que sentiria tal necessidade: levar a sua voz ao longe, a aqueles que não conhece, mas que ama porque pertenceram e pertencem ainda ao rebanho de que é Pastor.

Ontem, dia 15 do corrente, chegou-me às mãos o 2.^o número. Fico imensamente grato a V. Rev.^a pelos dois números enviados. Parabéns pela tão simpática ideia, que, apesar das dificuldades, se tornou uma realidade.

Quantos homens se encontram por aqui, saídos de fidelas de Portugal, que vivem como gentios, por vezes com uma vida menos edificante que os próprios gentios, porque esqueceram Deus, a sua esposa e filhos, a sua terra natal. Se, por infelicidade, algum filho da nossa terra estiver a par com estes, que a voz do seu pároco, através do seu jornal, o chame a uma vida mais alta, vivida à luz da Fé e sob os olhares maternais de Maria. Aos mais fiéis, que os leve a viverem sempre com paciência e confiança em Deus os dias do exílio na esperança de dias mais felizes e socegados na sua querida terra junto dos seus.

Felicitando-o mais uma vez pela maravilhosa ideia me-subscribo, com um abraço, muito grato e sincero amigo

P. Manuel Alves Laranjeira

António Gomes (França) «... Não calcula a satisfação que eu senti, quando me chegou às mãos o nosso jornal, senti uma revolução em mim e não pude conter as lágrimas».

— Obrigado pelos 100\$00. O Senhor te acompanhe sempre.

Manuel Anselmo (Malange) .. Farei o que for possível. O Senhor vos ajude.

(Continua na 4.^a página)

MÊS DE MARÇO

(Mês consagrado a S. José)

Invoquemos confiadamente o pai putativo de Jesus. Os pais imitem aquele que foi o chefe da Sagrada Família.

Noticiário

Baptizados

"Se alguém não renascer da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino dos Céus." (S. Jo. 3, 15).

Rosa Martins Penteado, filha de Manuel Fernandes Penteado e de Joaquina da Graça Alves Martins, residentes em Guilheta, foi baptizada a 16/2.

José de Barros Vieira, filho de Armando Pires Vieira e de Alzira Ferreira de Barros, residentes no lugar do Monte, foi baptizado a 23/2.

Carolina Meira de Abreu, baptizada a 23/2. Pais: Manuel Martins de Abreu e Carolina Rodrigues Meira, residentes em Belinho.

Maria de Sá Barros, filha de Raúl Laranjeira de Barros e de Maria de Lourdes Almeida de Sá, residentes no lugar da Estrada, foi baptizada a 2/3.

Maria Matilde da Cunha Neiva, foi baptizada a 2/3. Pais: Basílio da Cruz Neiva e Justina Viana da Cunha, residentes em Azevedo.

Matrimónio

"O homem deixará seu pai e sua mãe e unirá-se à sua mulher, e serão dois numa só carne" (Mat. 19, 5).

Manuel da Costa Laranjeira, do lugar do Monte e Maria Augusta Pereira da Cunha, do lugar de Belinho uniram-se pelo sacramento do matrimónio a 8 de Março.

Óbitos

Adelino Meira, de 68 anos, casado com Justina Alves da Cruz Viana, faleceu no lugar de Azevedo a 21/1.

Manuel Gonçalves de Azevedo, de 68 anos, solteiro, faleceu no lugar de Azevedo a 26/1.

«Que a luz que jámais se apaga, resplandeça sobre eles».

Manuel Alberto de Faria Viana, faleceu, com um mês de idade, depois de lhe ser administrado o sacramento da Confirmação.

«Aquele que morre imediatamente depois do baptismo vai directamente para o Céu (Conc. Flo.)»

Doentes

Encontra-se «quase» restabelecido da grave doença o Sr. Viana. Os médicos não lhe deram 24 horas de vida e nós rezamos-lhe as orações da agonia! Ainda se sentem efeitos da doença, mas se Deus quiser, tudo passará.

Olivia Viana da Cruz, casada com Manuel Viana Alves (Monte), foi submetida a melindrosa operação no passado dia 6.

«O espírito de fé dá o sentido do sofrimento e a força de o aceitar».

Correspondência

(Continuação da 3.ª página)

Lisboa, 21-II-1958

Rev.º Senhor Reitor

Os meus respeitosos cumprimentos.

Chegou-me às mãos pela primeira vez a «Voz de Antas».

Fiquei comovido e radiante pela iniciativa tão maravilhosa e tão cheia de amor pelos filhos de Antas. Esse opúsculo pequenino é mais que uma carta é «chama viva e sempre ardente» que vela por todos que não esquecem a sua terra.

Haverá certamente muitos que já a teriam esquecido, mas a «Voz de Antas» é como o «Bom Pastor» que busca a ovelha perdida e não socega enquanto não a encontra.

Acredite V. Rev.ª que essa carta — a Voz de Antas — me sensibilizou assaz e me traz saudades, e recordações e por isso vivo com fé e com esperança não esquecendo essa Igreja que me viu comungar a 1.ª vez, esse cemitério que tem o corpo de meu Paizinho ainda fresco, pois faz hoje 30 dias, e não esqueço nunca Vossa Rev.ª, que sabe acarinhar e abençoar as ovelhas do seu rebanho e não esquece as que vivem ausentes, mas debaixo do mesmo manto e do mesmo guia.

Peço quando publicar o falecimento de meu Paizinho, para agradecer em nome de minha Mãe e de todos os filhos, a todos que tomaram parte no funeral tanto pessoalmente como em espírito, e em especial aqueles que dedicaram todos os seus esforços físicos e espirituais.

Para o próximo mês irei procurar enviar a minha parte monetária para essa obra tão valiosa que Vossa Rev.ª criou com amor e carinho.

Oxalá que todos saibam dar o justo valor a essa carta, em forma de jornal, da nossa terra.

Para Vossa Rev.ª os meus sinceros agradecimentos, do seu servo e amigo ao dispor que lhe pede a bênção sacerdotal,

Mário Alves Meira

Com aprovação da Autoridade Eclesiástica